

**DA PEDRA À LAMA: O PERCURSO DO HOMEM E AS REGIONALIDADES EM
“O RIO” E “O CÃO SEM PLUMAS”, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

***FROM MUD TO STONE: THE JOURNEY OF MAN AND THE REGIONALITIES IN
“O RIO” AND “O CÃO SEM PLUMAS”, BY BRAZILIAN POET JOÃO CABRAL DE
MELO NETO***

João Claudio Arendt
Doutor em Letras
Universidade de Caxias do Sul
(jcarendt@ucs.br)

Felipe Teixeira Zobaran¹
Universidade de Caxias do Sul
(ftzobaran@gmail.com)

RESUMO: O presente estudo propõe uma análise dos poemas **O rio** e **O cão sem plumas**, de João Cabral de Melo Neto, sob o ponto de vista dos debates teóricos acerca de manifestações de regionalidade em produções culturais, a partir de Pozenato (2003), Barcia (2004), Haesbaert (2010) e Arendt (2012). Trata-se de uma pesquisa multidisciplinar que inclui estudos literários, culturais, geográficos, sociológicos e antropológicos, através de revisão bibliográfica de Oliven (1992), Hall (2005), Said (2011), Crespo e Gómez Bedate (1964), Candido (2000) e Delai (2008). O trabalho considera os dois poemas como, juntos, representação de um percurso no âmbito espacial (da nascente do rio pernambucano Capibaribe a seu encontro com o mar). Tal representação espacial traz consigo, indissociavelmente, forte discussão social acerca da relação homem X espaço. A obra de Cabral de Melo Neto exemplifica o conceito de região como “arte-fato”, ou seja, como combinação de fatores físico-naturais, político-ideológicos e analítico-científicos, e o de regionalidades como especificidades culturais que se manifestam na região.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto. Literatura brasileira. Literatura regional. Regionalidade. Literatura e sociedade.

ABSTRACT: This study aims at analyzing the poems **O rio** and **O cão sem plumas**, written by the Brazilian writer João Cabral de Melo Neto, based on the theoretical debate around region and regionality in literature, from Pozenato (2003), Barcia (2004), Haesbaert (2010) and Arendt (2012). It is a multidisciplinary research, which includes areas such as Literature, Culture, Geography, Sociology and Anthropology, with voices from scientists like Oliven (1992), Hall (2005), Said (2011), Crespo and Gómez Bedate (1964), Candido (2000) and Delai (2008). For the sake of the analysis, both poems are considered as, together, representative of a single course: river Capibaribe’s course (in Pernambuco, Northeastern of Brazil, from its source to its mouth). Such representation in space brings over a strong discussion about how men relate to the environment in which they dwell. In Melo Neto’s work, the regions are seen as a combination of the natural / physical world and the social, political and ideological aspects, with their respective regionalities (seen as cultural specificities).

Keywords: João Cabral de Melo Neto. Brazilian literature. Regional literature. Regionality. Literature & society.

¹ Aluno matriculado no Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, na Universidade de Caxias do Sul.

Introdução

A produção poética de João Cabral de Melo Neto é marcada por um tom incisivo, sobretudo quando versifica elementos de convívio seu, ao longo da vida. Pernambucano, o poeta viu, graças à família, realidades muito diversas logo na infância. As paisagens que compõem Recife e o interior do estado servem-no de base para construir poemas como os do chamado Tríptico do rio.

Este artigo propõe-se a analisar tal produção sob o ponto de vista do espaço. Assim, apresentar-se-á um recorte analítico que leva em conta o percurso realizado pelo rio Capibaribe, de sua nascente até sua foz, valendo-se da própria comparação entre o caminho realizado pelo rio e o transposto pelo homem retirante do sertão e do agreste. Por isso, o recorte aqui escolhido parte do poema **O rio** e culmina com o poema **O cão sem plumas**, mesmo que tal ordem subverta a cronologia de publicação.

Através de descrições poéticas das paisagens do Capibaribe, João Cabral de Melo Neto propicia, nos poemas selecionados, reflexões verticais a respeito do homem que habita o ambiente, e da relação não raro conflituosa entre esses dois elementos. Em virtude disso, justifica-se revisitar a obra com fins de estabelecer novas interpretações que contribuam nos debates de literatura brasileira contemporânea.

A leitura aqui proposta partirá de arcabouço teórico que inclui estudos literários, culturais, sociológicos, antropológicos e geográficos. A análise da relação do homem com o meio recebe contribuições de teóricos que versam sobre região e regionalidade, alguns dos quais servem de base para este artigo: Pozenato (2003), Barcia (2004), Haesbaert (2010) e Arendt (2012). No tocante à formação identitária do homem, a base vem de Oliven (1992), Hall (2005) e Said (2011). Para analisar os aspectos literários da produção de João Cabral de Melo Neto, parte-se de Crespo e Gómez Bedate (1964), Candido (2000) e Delai (2008).

Este artigo será dividido em três partes: primeiramente, haverá um levantamento teórico a respeito de questões socioculturais inerentes à região e à regionalidade. A seguir, à luz de tal levantamento, analisar-se-á o poema **O rio**, com ganas de estabelecer relações entre o percurso e as paisagens descritas com o *retirar* do homem sertanejo. Por fim, será proposta uma leitura do poema **O cão sem**

plumas sob o mesmo arcabouço teórico, tencionando concluir como se dá a inter-relação homem X espaço dentro (e fora) do universo de representação de Cabral de Melo Neto.

Região e regionalidade(s)

O conceito de região, tão amplo e discutido por diferentes áreas do conhecimento, foi e é encarado por alguns segmentos científicos com certo desconforto. De fato, na disciplina em que se difundiu primeiramente, a Geografia, a região parece ter sido centralizada e rechaçada repetidas vezes.

Segundo Pozenato (2003, p. 4-7), há um preconceito contra a região na produção científica, e isso se dá devido ao histórico do termo, de duas maneiras: primeiramente, pelo fato de a região tradicional implicar em fronteiras, divisões, classificações de ordem positivista; em segundo lugar, porque o conceito foi, por muito tempo, encarado singularmente como um atributo natural, inerente à realidade social. O autor vai além, e afirma:

Não vejo no entanto problema em continuar falando em região, contanto que por tal não fique entendida uma realidade natural, mas uma rede de relações, em última instância, estabelecida por um *auctor*, seja ele um cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista (p. 4 – grifo original).

Segundo Hall (2005, p. 38), toda formação identitária é arbitrária e simbólica, temporalmente localizada e em perene construção e manutenção. Oliven (1992, p. 15) debruça-se sobre a identidade nacional e analisa que esta precisa de narrações para que sejam mantidas as “fronteiras culturais”. Ora, a identidade regional constitui-se dessa mesma maneira, em escala diferente. Ambas a identidade nacional e a identidade regional buscam (ou impõem) **essências** que precisam ser, como mitos, mantidas e ritualizadas.

Todavia, a região não se desprende totalmente do aspecto natural e do aspecto físico. O espaço permanece existindo, incólume. Uma cidade que se edifica sobre montanhas constituirá hábitos culturais diferentes de uma que se espalha ao longo de rios. E essas culturas serão, naturalmente, mantenedoras de identidades culturais diversas, mesmo que não busquem negar-se ou opor-se mutuamente de propósito. Respondendo a esse embate, Haesbaert (2010) sugere bandeira branca:

Propomos aqui um caminho mais complexo, para o entendimento da região não simplesmente como um “fato” (em sua existência efetiva) nem como um mero “artifício” (enquanto recurso teórico, analítico) ou como instrumento normativo, de ação (visando a intervenção política, via planejamento). Propomos então tratar a região como um “artefato” (sempre com hífen), tomada na imbricação entre fato e artifício e, de certo modo, também, enquanto ferramenta política (p. 7).

O termo **região** adquire, então, um viés analítico transdisciplinar que possibilita enxergar as relações sociais e o espaço de maneira holística. Contudo, essa não é a única importância que justifica o fortalecimento dos estudos sobre região.

A defesa das identidades nacionais vem perdendo força se comparada à defesa das identidades regionais, na contemporaneidade. Haesbaert (2010), em consonância com Pozenato (2003) e Hall (2005), encara a região como parte constituinte e enfatizada no processo chamado de **globalização**. Em um mundo que procura impor identidades massificadas, centralizadoras, há um tiro pela culatra: a ressignificação do regional em oposição ao global. A identidade regional ganha força a partir da mundialização: tradições são recuperadas, costumes são mantidos, como em reafirmação territorial ou resistência (mesmo que tais movimentos não raro sejam pouco ideológicos, vinculados ao pitoresco, ao turístico e ao comercial).

Se a região é uma rede ou um **feixe** de relações (POZENATO, 2003, p. 9), essas relações podem ser denominadas **regionalidades**. Haesbaert (2010, p. 8) concorda com isso ao definir o termo regionalidade como “propriedade do ‘ser’ regional”. Arendt (2012, p. 89) vai além, e afirma que uma única região pode abrigar regionalidades “díspares e conflitantes”, “especificidades” culturais em sobreposição e coexistência, inclusive, com nacionalidades, em espaços sociais dados, e propõe que se defina o conceito como um termo no plural e como uma ideia não coesa, sempre em formação, similarmente à **identidade** de Hall (2005). A maneira como as regionalidades são enfatizadas ou omitidas em grupos ou sistemas é um recorte que **forma** as regiões e as identidades regionais.

Said (2011, p. 11) paraleliza as narrações identitárias com a narração literária. Para ele, a literatura tem o poder de evidenciar configurações sociais (explícitas ou implícitas) e, conseqüentemente, de contribuir para sua manutenção ou revisão. Na literatura, a ideia de região já esteve submetida ao conceito de **regionalismo**. Pozenato (2003, p. 7) procura reorganizar os termos, ao afirmar que

“as relações do fato literário com uma dada região” são reservadas ao conceito de **regionalidade**, ao passo que

O regionalismo pode ser identificado como uma espécie particular de relações de regionalidade: aquelas em que o objetivo é o de criar um espaço – simbólico, bem entendido – com base no critério da exclusão, ou pelo menos da exclusividade (p. 7).

Assim, uma literatura **regionalista** buscaria reforçar uma identidade regional, ou uma região, em oposição a outra, excluindo quaisquer regionalidades conflitantes, em busca de uma **essência** simbólica.

As **regionalidades**, por sua vez, são inerentes ao fazer literário. Candido (2010, p. 35) bem defende a ideia de que o autor de literatura, homem de seu tempo, é subjugado aos conflitos e construtos de sua realidade e que a obra reflete seu posicionamento (estético, moral, político, ideológico, psicológico...) perante o público e a sociedade, mesmo que não haja intenção disso. O autor não se isenta de regionalidades ao escrever, e sua representação literária, necessariamente, elege e exclui características regionais, seja no espaço literário, seja no universo imaginário.

Se não há literatura sem a esfera regional (na gênese e/ou no construto textual), não há literatura **universal**. Mesmo porque, como sinaliza Said (2011), o que é dito universal não o é. Ocidental, imperialista, eurocentrista, talvez o seja. Mas não há universalidade na arte e no discurso social.

Por muito tempo, subestimou-se a literatura que versasse sobre regiões específicas, interioranas ou rurais. Tal literatura seria menor, se oposta àquela canonizada como **universal**, apenas por ter o aspecto espacial localizado em centros urbanos e políticos. Trata-se de um paradigma a ser quebrado. Toda literatura é formada por regionalidades (BARCIA, 2004, p. 43), assim como o é todo espaço social (ARENDET, 2012), e como toda nação é formada por regiões (OLIVEN, 1992).

No centro desse debate, localizam-se autores como João Cabral de Melo Neto. A crítica tradicional sempre o considerou **universal**, mesmo quando versava sobre regiões interioranas. Tal ideia era defendida com o discurso de que o estilo do poeta ultrapassava **regionalismos**, o que é verdade. Todavia, sua obra é repleta de regionalidades dignas de ênfase. Este artigo busca analisar a poesia do autor como boa representação de literatura regional.

O Rio, da pedra à lama

João Cabral de Melo Neto publicou, nos anos 1950, três poemas que, de maneiras singulares, versavam sobre a bacia do rio Capibaribe, no estado de Pernambuco, onde nasceu. **O cão sem plumas** (1950), **O Rio ou Relação da viagem que faz o Capibaribe da sua nascente à cidade do Recife** (1954) e **Morte e Vida Severina** (1955) compõem o chamado Tríptico do rio (CRESPO, BEDATE, 1964), ou, popularmente, a Trilogia do rio. Embora compartilhem o mesmo espaço como elemento desencadeador, os três poemas são manifestações muito diferentes do fazer poético.

Na análise aqui proposta, com ganas de estabelecer as relações da região **natural** com a região *social*, foram selecionados dois desses poemas, por enfatizarem com maior veemência a paisagem e sua descrição: **O cão sem plumas** e **O rio**. Partindo, ainda, da ênfase pretendida à dimensão espacial, apresentar-se-á uma leitura que começa na nascente do rio Capibaribe, percorre seu caminho e chega à sua foz.

O rio Capibaribe cruza três regiões climáticas do nordeste brasileiro: o sertão, o agreste e a zona da mata. Delai (2008, p. 64) enxerga que esse percurso evidencia relações sociais e, conseqüentemente, regionalidades muito claras, para além do aspecto natural, embora subjugadas por ele. A configuração regional proposta pela autora encontra-se esquematizada na Figura 1.



Figura 1 – Regiões perpassadas pelo rio

Fonte: elaboração dos autores, com base em Delai (2008, p. 64).

Essas regiões são descritas e identificadas ao longo do poema **O Rio ou Relação da viagem que faz o Capibaribe da sua nascente à cidade do Recife**. De fato, conforme o subtítulo, trata-se de um poema de narração. O sujeito poético é o próprio rio, que conta, em primeira pessoa, sobre seu caminho, da seca ao oceano.

Sempre pensara em ir
caminho do mar.
Para os bichos e rios
nascer já é caminhar.
Eu não sei o que os rios
têm de homem do mar;
sei que se sente o mesmo
e exigente chamar (p. 66).²

Sertão e agreste: o homem-cabra e o homem-pedra

O Capibaribe nasce em seca, no sertão nordestino, e, pobre, raso e ralo, percorre o território de pedra do agreste. As duas regiões naturais compartilham da mesma realidade social: a pobreza, a sede, o ambiente que transforma o homem em animal ou pedra, ou que o expulsa dali, como retirante:

Por trás do que me lembro,
ouvi de uma terra desertada,
vaziada, não vazia,
mais que seca, calcinada.
De onde tudo fugia,
onde só pedra é que ficava,
pedras e poucos homens
com raízes de pedra, ou de cabra (p. 67-68).

O jovem rio segue viagem, como o retirante que acompanha seu curso, e, ao cruzar fronteiras entre vilarejos e municípios, vê variações daquela configuração. Mas o homem que decide viver no sertão e no agreste precisa conviver com a pedra, alimentar-se de pedra, tornar-se pedra.

Esses homens melhor conhecem
como obrigar o chão
com plantas que comem pedra.
Há aqui homens e mais homens

² Todas as citações referentes aos poemas de João Cabral de Melo Neto serão, doravante, extraídas de: MELO NETO, João Cabral de. **Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2010. Os trechos transcritos serão indicados apenas com o número da página correspondente.

que em sua luta contra a pedra
sabem como se armar
com as qualidades da pedra (p. 74).

O Capibaribe, em seu curso, encontra outros pequenos rios, e eles se unem rumo ao litoral. Da mesma forma que o homem sertanejo é confundido com a cabra e a pedra, o rio confunde-se com o retirante.

Vou andando lado a lado
de gente que vai retirando;
vou levando comigo
os rios que vou encontrando.
[...]
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios (p. 70).

Dessa forma, se a seca e o verão conseguem matar os rios, eles também matam o homem que dos rios depende para viver. O rio é um retirante, e o retirante é como o rio. A pedra é seu algoz, porque tira sua vida, mas é seu sustento, porque é seu solo e seu caminho.

Zona da mata: o homem-cana

Em seu retirar, o Capibaribe cruza fronteiras e chega a novas terras. Todavia, as fronteiras políticas pouco importam. Permanece existindo

A mesma dor calada,
mesmo soluço seco,
mesma morte de coisa
que não apodrece mas seca (p. 73).

Mas a paisagem, de fato, muda. Na zona da mata, a pedra é substituída por plantações, por canaviais. Há menos seca, o ambiente torna-se verde, e os rios que

o Capibaribe encontra são mais fortes e vastos. É nesse momento que a narrativa poética de João Cabral propicia o maior choque ao leitor: de nada adianta a região natural ser mais favorável, se a região social não o é. As novas terras invadidas pelo rio são terras de alta exploração do trabalhador, e as armadilhas da paisagem substituem-se pelas armadilhas do contexto socioeconômico.

Parece que ouço agora
que vou deixando o Agreste:
'Rio Capibaribe,
que mau caminho escolheste.
Vens de terra sola,
curtidas de tanta sede,
vais para terra pior,
que apodrece sob o verde.
Se aqui tudo secou
até seu osso de pedra,
se a terra é dura, o homem
tem pedra para defender-se.
Na Mata, a febre, a fome
até os ossos amolecem.'
Penso: o rumo do mar
sempre é o melhor para quem desce (p. 77-78).

Se, antes, o homem que habitava o sertão e o agreste convertia-se em pedra ou animal para sobreviver ao meio, o habitante do canavial converte-se em **cana**. É uma realidade tão cruel que os outros rios que cruzam com o Capibaribe em seu caminho são tristes e silenciosos. Eles percorreram os arredores das usinas, que os sujaram não apenas de restos industriais.

A usina possui sempre
uma moenda de nome inglês;
o engenho, só a terra
conhecida como massapê.
E o que não pode entrar
nas moendas de nome inglês
a usina vai moendo
com muitos outros meios de moer (p. 80-81).

Configura-se, assim, a nova comparação do poeta: o homem da zona da mata é oprimido pela usina de cana e, como a planta, moído, vertido de vitalidade até o bagaço. A narração torna-se ainda mais incisiva:

O canavial é a boca
com que primeiro vão devorando
matas e capoeiras;

pastos e cercados;
 com que devoram a terra
 onde um homem plantou seu roçado;
 depois os poucos metros
 onde ele plantou sua casa;
 depois o pouco espaço
 de que precisa um homem sentado;
 depois os sete palmos
 onde ele vai ser enterrado (p. 83).

E a usina, a seguir, continua sendo metaforizada como boca, cujos dentes são os próprios trabalhadores, ao mastigarem a cana:

Dentes frágeis, de carne,
 que não duram mais de um dia;
 dentes são que se comem
 ao mastigar para a Companhia;
 de gente que, cada ano,
 o tempo da safra é que vive,
 que, na braça da vida,
 tem marcado curto limite.
 Vi homens de bagaço
 enquanto por ali discorria;
 vi homens de bagaço
 que morte úmida embebia (p. 86).

A usina de cana também é, pois, ao mesmo tempo, elemento de sustento e de opressão para o homem que dela depende. Isso comprova que uma região não é composta apenas por aspectos espaciais, como o solo e o clima, mas também pelas configurações socioeconômicas. E essa exemplificação poética das regiões como feixes de relações se intensifica ainda mais quando o Capibaribe chega ao centro do estado e ao fim de seu percurso: a cidade de Recife, no litoral.

Recife, mangue e lama

Ao chegar ao Recife, o rio não chega só. Junto com ele, estão os retirantes, que o acompanharam desde o interior: “vamos juntos, dois rios / cada um para seu mar” (p. 90).

Se o sertão e o agreste, por sua paisagem e condições de vida, configuravam a primeira região percorrida pelo rio, e os canaviais, com a pressão socioeconômica misturada à paisagem, foi a segunda região visitada, o Recife, espaço menor, divide-se em duas regiões distintas (DELAI, 2008, p. 65).

Isso fica claro em uma das primeiras imagens do poema a respeito da cidade: há, de um lado, a imagem do escoamento dos rios no mangue e dos retirantes que chegam ao subúrbio lamacento.

Com substância de vida
é que os rios a vão aterrando,
com esses lixos de vida
que os rios vivem carreando (p. 91).

Do outro lado, estão os belos sobrados e cabelos da elite social e cultural de Recife.

Agora o vento sopra
em folhas de ouro verde.
Folhas muito mais finas
as brisas daqui penteiam.
São cabelos de moças
ou dos bacharéis em direito
que devem habitar
naqueles sobrados tão pitorescos
(pois os cabelos da gente
que apodrece na lama negra
geram folhas de mangue,
que são folhas duras e grosseiras (p. 91-92).

É como se existissem dois Recifes no mesmo espaço, completamente opostos. Um deles é rico, alto, alvo. O outro compõe-se de lama, confunde-se com o mangue. Trata-se de uma cidade anfíbia, formada por água quente e terra indecisa. O rio, quase no mar, mistura-se à lama e a esse Recife negro de lodo. Aqui, o homem e a lama se confundem, e o rio lhes serve de leite:

As vilas que passei
sempre abracei como amigo;
desta vila de lama
é que sou mais do que amigo:
sou amante, que abraça
com corpo mais confundido;
sou amante, com ela
leito de lama dividido (p. 98).

É uma cidade “podre” (p. 99), formada por pessoas que não encontraram o mar que procuravam ao retirar e caíram, pois, em um novo deserto de opressão, “deserto de pântanos perto do mar” (p. 100). Aqui, reféns, novamente, do contexto

socioeconômico, viram estatística – dessas que medem mortes, pois não há o que noticiar em vida.

O cão sem plumas

Em 1950, antes mesmo de publicar **O rio**, João Cabral de Melo Neto trazia à recepção o poema **O cão sem plumas**. Este busca descrever o rio Capibaribe dentro de Recife, e seu encontro com o mar. A proposta é declarada nos títulos das subdivisões do poema: “Paisagem do Capibaribe”, “Fábula do Capibaribe” e “Discurso do Capibaribe”.

Mais denso e metafórico do que o poema analisado anteriormente, o foco em **O cão sem plumas** é, justamente, a cidade anfíbia e o homem-lama. Logo de assalto, o rio é comparado a um cão que atravessa uma rua; feio, aquoso, marrom, como um estorvo que divide duas partes de uma passagem. É também comparado a uma espada atroz, que causa cisão na cidade, como se cortasse uma fruta ao meio.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.
[...]
Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem (p. 50).

A figura é a de um rio sem água, um rio sem peixes, um incômodo rio sem razão de ser. “Abre-se em flores / pobres e negras / como negros” (p. 50). A “flora” do rio é suja e mendiga, e suas folhas são “duras e crespas como um negro” (p. 51). Se os fios dos cabelos dourados da elite, como colocados em *O rio*, voavam com a brisa da parte alta da cidade, os cabelos do mangue são cabelos de negros.

A riqueza de Recife também aparece em **O cão sem plumas**, pois o rio tem “algo da estagnação” das “árvores obesas” e dos açúcares que alimentam “as salas de jantar pernambucanas” (p. 52).

É nelas,
Mas de costas para o rio,
Que as “grandes famílias espirituais” da cidade

Chocam os ovos gordos
De sua prosa (p. 52).

O rio (e seu habitante de lama), estorvo para a sociedade pernambucana, é de águas inférteis, águas maduras, lugar de moscas. “Por que então seus olhos / vinham pintados de azul / nos mapas?” (p. 53).

O homem-lama

Pois se o rio é forçosamente azul nos mapas, mas negro e lamacento na realidade, o mesmo ocorre com o homem do rio, que só pode ser chamado de homem em uma **não-realidade**. Nesse lugar, fluem “homens plantados na lama”, que habitam “casas de lama”, que são “plantadas em ilhas coaguladas na lama”. São “anfíbios de lama e lama” (p. 53).

Se o rio é feito de lama e se ele é como um cão sem plumas, sujo, incômodo, estorvo à cidade, o mesmo pode ser dito do homem que habita o rio e que dele se alimenta e nele subsiste. O homem que caça caranguejos feitos de lama e os limpa, come e vende. O homem cujo corpo parece formar o próprio rio, fundir-se com o mangue e com o lodo.

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem (p. 56-57).

E outra figura comum a **O rio** vem à tona em **O cão sem plumas**: a seca. Embora aqui não seja relatado o percurso do Capibaribe nas terras calcinadas do sertão e do agreste, e, apesar do fato de o rio converter-se em úmido manguezal na paisagem aqui descrita, uma coisa é certa: a lama, sob o sol e o tempo, seca e vira pó. Em Recife, não falta água e o homem não é de pedra. Todavia, ele também seca e vira casca, como o homem-cana que virava bagaço.

Mas ele conhecia melhor
os homens sem pluma.
Estes
secam
ainda mais além
de sua caliça externa;
ainda mais além
de sua palha;
mais além
da palha de seu chapéu;
mais além
até
da camisa que não têm;
muito mais além do nome
mesmo escrito na folha
do papel mais seco (p. 55).

O homem sem plumas seca porque se dissolve no deserto de lama que o oprime. E esse homem já não tem mais perspectivas, já não tem mais sonhos, pois não há mais para onde retirar. É o fim da linha, o encontro com o mar, e a sede permanece e o consome até o fim. A fome (ou a necessidade) é mais real, mais incômoda, mais concreta do que o alimento que não há (ou o sonho, a esperança).

Aquele rio
é espesso e real
[...]
Espesso
como uma maçã é espessa.
Como uma maçã
é muito mais espessa
se um homem a come
do que se um homem a vê.
Como é ainda mais espessa
se a fome a come.
Como é ainda muito mais espessa
se não a pode comer
a fome que a vê (p. 63).

O rio, cão sem plumas, é espesso e atroz para o Recife opulento que lhe dá as costas. O rio, cão sem plumas, é espesso e atroz para o homem que nele habita, que com ele se confunde, pois lhe dá sustento ao mesmo tempo em que lhe traz a falta de perspectiva e a opressão. A lama também é estorvo para o homem-lama, mas é sua vida e seu sustento. Como para o homem-pedra e para o homem-cana, para o homem-lama não há vida sem o carrasco.

Em todas as regiões percorridas pelo Capibaribe na obra de João Cabral, o homem e o meio se confundem. O homem é pedra (seco e resistente), é cana (mastigado), é usina (mastigador), é lama (inerte). Tomando os poemas como percurso, fica nítido que esses elementos espaciais se equivalem, pois o retirante sai de um deserto de pedra ou de um deserto de cana e se vê, novamente, em um deserto de lama. Mas o meio confere existência ao homem nele inserido: ele subsiste apesar da / pela lama que é. Mais espessa do que a fome é a vida, que se adquire dia a dia e que se desdobra em mais vida.

O meio, em João Cabral, pode tanto ser relacionado com o aspecto físico, ambiental, quanto com o aspecto social. Trata-se da região como “arte-fato”. O retirante perpassa todos os estágios de relação com o meio, e nunca consegue, de fato, retirar-se. É uma relação dialética que culmina em um ciclo vicioso difícil de ser quebrado (esquemático na Figura 2), sobretudo para o homem à margem das decisões sociais, como é o caso do representado nos poemas analisados.



Figura 2 – Ciclo de manutenção das regiões e regionalidades

Fonte: elaboração dos autores.

Quando o rio finalmente ultrapassa o lodo estagnado do mangue, ele chega ao mar. O mar o devora, com as ondas salgadas que vêm do oceano, e dissolve as águas fluviais em meio às suas. O oceano é um horizonte aberto, é a liberdade, é, por fim, aquilo que o retirante buscava ao fugir do meio opressor. Todavia, o mar é o fim da vida do rio, é a doce morte que o aguarda após tão dura caminhada.

Considerações finais

Toda obra literária apresenta aspectos regionais, em sua gênese e conteúdo. Aqui, região é um conceito multidisciplinar, um feixe de relações que leva em conta os aspectos físicos, sociais e políticos; a região depende da formação

identitária regional, que é narração criada e defendida por grupos sócio-historicamente localizados. A região é “arte-fato”, por ser, ao mesmo tempo, fato e artifício.

As regionalidades, especificidades socioculturais inerentes às regiões, manifestam-se na realidade social. Uma região pode apresentar diversas regionalidades imbricadas e, mesmo, conflitantes. Da mesma forma, nenhuma literatura isenta-se de regionalidades.

A obra de João Cabral de Melo Neto centraliza o aspecto espacial para denunciar a opressão do meio sobre o homem. O meio nos poemas analisados é, ao mesmo tempo, o meio físico e o meio social. Parece especialmente pertinente, pois, trazer à luz dos estudos sobre região e regionalidade a obra do poeta pernambucano, tão exemplar para a compreensão desses conceitos.

Os poemas analisados trazem o homem confundido com a região na qual se insere, e as regionalidades acabam por converter-se em elementos de manutenção do *status-quo*. Contudo, trata-se de uma relação antagônica: as mesmas regiões e as mesmas regionalidades dão sustento e vida ao homem retratado, e, sem elas, nada mais há.

Referências

- ARENDR, J. C. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. **RUA** [online]. Unicamp, n. 18, v. 2, 2012.
- BARCIA, P. Luis. Hacia um concepto de la literatura regional. In: CASTELLINO, Marta Elena; RIVERO, Gloria Vicela de (Orgs.). **Literatura de las regiones argentinas**. Mendoza: Universidad Nacional del Cuyo, 2004.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.
- CRESPO, A.; GÓMEZ BEDATE, P. **Realidad y forma en la poesia de Cabral de Melo**. Madri: Revista de Cultura Brasileña, 1964.
- DELAI, L. **Paisagens opostas**: uma leitura da região na Trilogia do Rio e Quaderna, de João Cabral de Melo Neto. Dissertação de Mestrado. UCS: 2008.
- HAESBAERT, R. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares** (Letras e Humanidades), n. 3, jan/jul 2010, Caxias do Sul, p. 2-24.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MELO NETO, J. C. de. **Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2010.
OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POZENATO, J. C. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. Caxias do Sul: Educs, 2003. Disponível em <
http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf> Acesso em: 15/02/2015.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

Recebido em 21 de julho de 2016
Aceito em 05 de outubro de 2016